

OCCIDENTE

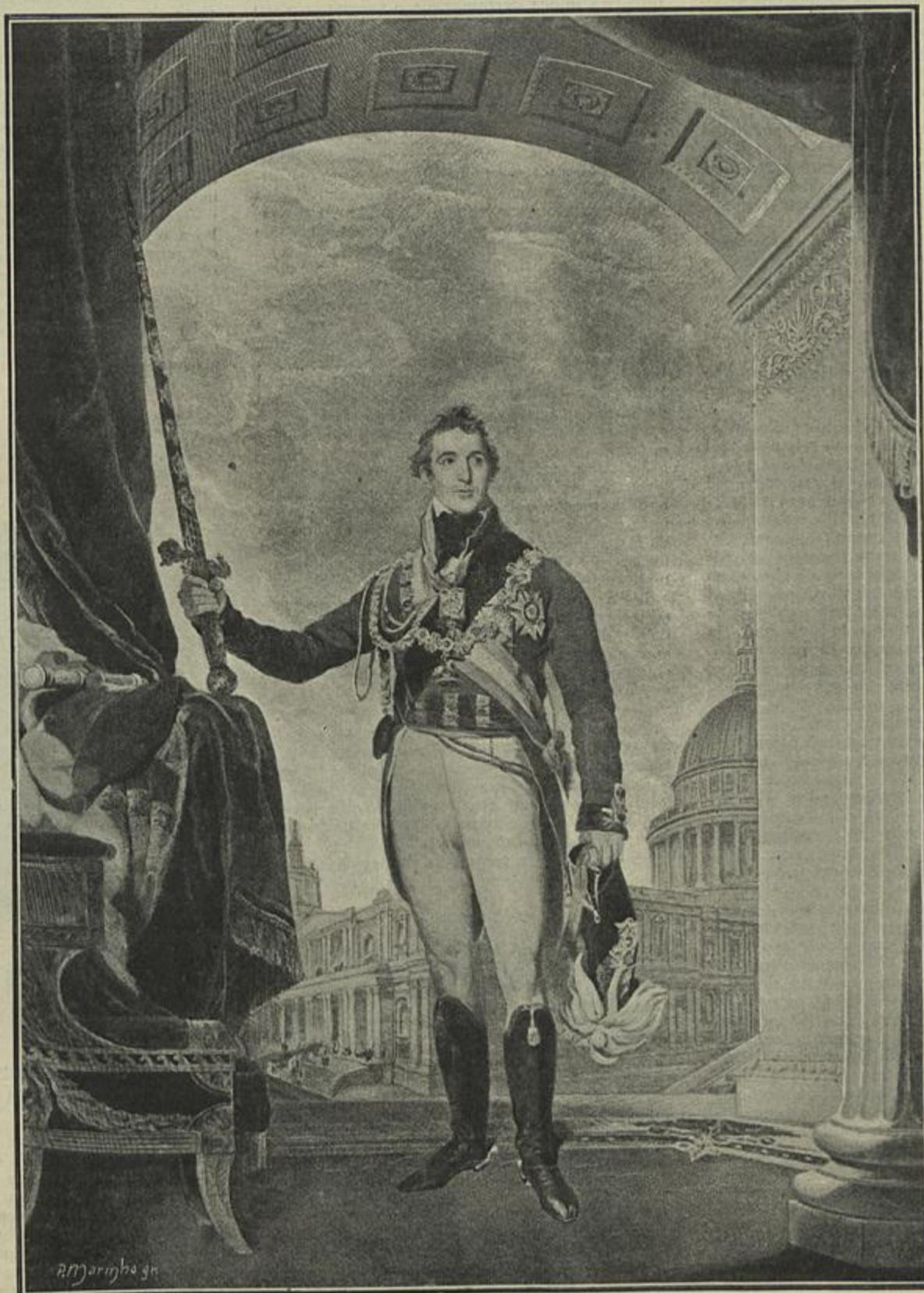


REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1143	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	950	120	30 de Setembro de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CENTENARIO DA BATALHA DO BUSSACO



O DUQUE DE WELLINGTON, GENERAL EM CHEFE DO EXERCITO ALIADO
(Reprodução do retrato pintado por Thomaz Lawrence)



CENTENARIO DA BATALHA DO BUSSACO

Ainda que nos custasse, com os nossos sessenta e sete annos, levantarmo-nos da cama ás 3 horas da madrugada, para tomarmos o expresso, que partia ás cinco para Luso, deu-nos animo o desejo de testemunharmos a festa patriótica que por todo o país se celebrava naquella dia, e muito especialmente no Bussaco, para a qual a Comissão do Centenario da Guerra Peninsular nos convidava. Um bocadinho de esforço e lá fomos, pela linda madrugada, vêr nascer o sol, que se elevava do horisonte, colorindo-o de toda a gama de côres suaves desde o laranja até ao verde esmaecido, sobre as serenas aguas do Tejo, onde uma leve aragem enchia as velas de alguns barquinhos que por elle bolinavam, enquanto o comboio rapido corria pela magem esquerda do rio, desenrolando á nossa vista, como em fita animatografica, desde Sacavem até Santarem, este e outros lindos quadros, que difficilmente a paleta pôde reproduzir e muito menos a pena, com toda a poesia que os envolve.

Nascia o sol! o mesmo que ha cem annos, naquella dia, fôra testemunha de um dos maiores feitos das armas portuguezas. Teria a mesma luz á qual então brilharam as espadas vencedoras; o mesmo calor que animou os heroes que se bateram na abrupta serra, por onde o inimigo escabujava, vencido ou em desordenada fuga.

A serra do Bussaco, donde nos separava uns 200 kilometros, e onde teriamos de subir a uns 600 metros para daquella eminente altura a vista se alongar por horisontes sem fim, depois de vêr as cumeadas por onde os exercitos tomaram posição e se bateram.

Lá chegámos, enfim, apesar da custosa ascensão, um tanto suavizada pelas sombras amigas do secular arvoredo da máta, e por entre os innumeraveis ranchos de forasteiros, que, como em bivaque, iam dando conta de seus farnéis de carne de porco e brôa, regados pelo vinho ou agua-pé que traziam em borrachas e cabaços.

Quando chegámos ao cume da serra, o ponto onde, principalmente, se feriu a grande batalha, passava das 11 horas.

Abafa-se de calor apesar do sol meio encoberto; por todo o campo apinhava-se o povo mal deixando espaço para os contingentes de tropa, que tomavam parte na festa. O espectáculo é empolgante e os olhos não chegam para o observar, quer dilatemos a vista pelos horisontes que se nos oferecem, quer nos contentemos em contemplar o que vae pela serra povoada de mais de cem mil pessoas, na deligencia de chegar ao cimo, onde difficilmente já cabem. Quando o sol descobre, faiscam as laminas das espadas onde elle se reflete, e toma todo o brilho o ouro das fardas dos officiaes generaes que formam o estado maior de El-Rei, generalissimo do exercito, que garbosamente monta um soberbo cavallo ajaezado de ouro.

Ao fundo deste extraordinario quadro levanta-se a improvisada capela para a missa campal desenhando os seus contornos no amplo ceu azul em que se recorta.

No altar do incruento sacrificio ardem vélas em riquissimos castiças de prata alumando o crucifixo que se ergue ao centro. A riqueza dos paramentos e alfaias religiosas deslumbra. Mando-os do rico tesouro da Sé de Coimbra o sr. Bispo Conde.

A' direita da capela está armada uma tribuna para a comissão e elemento official, e nella tomam logar o sr. ministro dos estrangeiros, lord Wellington, neto do duque de Wellington, o feliz general que conduziu á vitoria o exercito aliado, e que elle ali vem representar, dr. Olman, representante da academia inglesa. Em tribuna fronteira estão convidados e veem-se muitas senhoras. Junto da primeira tribuna fórma o pelotão composto por praças dos regimentos portuguezes que tomaram parte naquella batalha, e que se apresentam fardados conforme os uniformes daquelle tempo, tendo tambem o seu tambôr e pifano que fazem os toques da ordenança. A' frente, um official empunha a bandeira de honra do centenario.

Vae principiar a missa, mas antes della, o venerando Antistite de Coimbra chega ao alto dos degraus da capela, peramentado e, na attitude imponente, respeitavel dos antigos patriarcas que os quadros goticos transmitiram ás gerações futuras, cercado pelos seus acolitos, faz uma allocução recordando o glorioso feito que ali se prati-

cou ha cem annos, tendo reptos de grande eloquencia e sentimento como estes:

«Levanta-te, meu querido Portugal, dessas miserimas lutas intestinas, que te enfraquecem e degeneram; torna-te digno destas honras que recibes da nação mais poderosa do mundo, que foi e tem sido sempre nossa fiel aliada; pundo-noroso como já fostes e debes continuar a ser, corresponde com brio e dignidade ao que por ti fizeram os teus maiores, sempre com o fito na cruz para conquistar almas para o ceu, e com a mão na espada para conquistar cidadãos e territorios para a patria, porque é á união da espada com a cruz que tu debes as tuas grandezas no passado, e que podes ainda dever as tuas grandezas no futuro.

.....
E se elle com um Rei entrado em annos, e que teve medo e que fugiu, praticou aquelles prodigios de valor, do que não será capaz hoje com um Rei moço, cheio de vida, e ilustrado, que não duvidará nunca derramar o seu sangue pelo seu povo?»

E assim fala ao Rei, que perfilado no seu cavallo o escuta, e ao povo que o quer ouvir e avança e se aperta e não ha forças para o conter no terreno que lhe está marcado.

Principia a missa e no supedaneo ladeiam, o celebrante, seus acolitos, todos revestidos de ricos paramentos vermelhos bordados a ouro; assistem mais os revd.^{os} dr. Santos Farinha, Carlos de Azevedo, vigario do Luso, capelão do Bussaco, etc. A' direita toma assento, numa cadeira de espaldar, o revd.^{mo} Bispo de Bragança.

Ao levantar a Deus as trombetas tocam a marcha da ordenança e a artilharia salva com 21 tiros; é o momento solemne do incruento sacrificio, El Rei faz a continencia com a espada, as tropas ajoelham inclinando as armas para o chão.

Termina a missa e segue-se a cerimonia da benção da bandeira do centenario. O sr. general Rodrigues da Costa toma a bandeira das mãos do official e apresenta-a a El-Rei que a recebe e empunha avançando para a frente do altar, onde o sr. Bispo Conde lê as orações com que bense a bandeira, enquanto o povo rompe então em vivas e aclamações ao monarca e ao exercito. As bandas tocam o himno nacional, e a artilharia novamente salva, repercutindo-se pelas quebradas da montanha o eco dos canhões, como, desde ha um seculo, não mais, talvez, ali se teriam ouvido, no silencio e solidão daquelles logares.

El-Rei retira-se com o seu estado maior á primeira posição e entrega a bandeira ao comandante de caçadores 3 que por seu turno a vae entregar ao alferes sr. Sardinha da Cunha que comandava o pelotão a que já nos referimos e que é a guarda de honra á bandeira do centenario.

Pronuncia então um patriótico discurso o revd.^o Carlos Fragoso, capelão de caçadores 5 e notavel orador sagrado. Nas suas palavras recorda e ennumera as glorias do exercito portuguez e termina dizendo que: «a bandeira azul e branca tem de continuar a tremular no solo da patria e urge que todos a defendam!»

Assim termina a cerimonia da benção da ban-



A CORÔA QUE FOI COLOCADA NO MONUMENTO

deira e começa a retirada do povo que, pressuroso desce pela estrada e atalhos da serra no empenho de ver passar El-Rei, com o Príncipe D. Affonso, que o acompanha, seguido do seu estado maior, e vem assistir ao descerramento da corôa, que fôra colocada no monumento comemorativo da batalha do Bussaco.

Não é menos soberbo o espectáculo que ora se apresenta por toda a serra, onde, nas orlas e planos do terreno, o povo se aglomera numa grande profusão de côres dos trajes das mulheres, e todos assistem ao desfilar do cortejo real e das tropas que o seguem pela estrada. O sol tem descoberto de todo e se não fôra o vento fresco que se levantara o calor seria sufocante.

No planalto onde se ergue o monumento, á sahida da máta, está levantado um pavilhão para receber El-Rei, mas o vento tem esfarrapado o paninho azul e branco que o forrava e esses farrapos semelham galhardetes a balouçar no ar. Em volta do monumento erguem-se uns mastrosinhos sobre plintos de madeira pintarolados e a certa altura pregam-se escudos pintados a formar trofeus com bandeirinhas de paninho azul e branco, como em pleno arraial saloio.

Doeu-nos vêr tal disparate, quando em nossos arsenaes não faltam mastros, bandeiras ou galhardetes e armas do tempo, nem na máta faltavam louro e carvalho com que se fizessem decorações proprias e dignas de uma festa militar daquelle ordem. A estética e a coerencia não tomaram parte ali, como a não houve nos uniformes que envergaram nos soldados que deviam representar os do tempo da guerra peninsular. Para o teatro seriam toleraveis, dados os poucos recursos das empresas teatraes; para ali, porém, deviam ser feitos a valer.

Mas... continuemos a nossa cronica.

No planalto do monumento o povo vae se aglomerando e a policia e soldados de cavalaria com difficuldade conservam a praça livre para o acto que se vae realizar.



O PROFESSOR DR. OLMAN
REPRESENTANTE DA ACADEMIA INGLESA

El-Rei chega com S. A. o Príncipe D. Affonso e o estado maior; veem os ministros da guerra e dos estrangeiros, chega tambem lord Wellington com o seu uniforme de official da guarda real inglesa, assentando-lhe na farda encarnada á banda da grã-cruz da Torre e Espada com que El-Rei D. Manuel o agraciou, acompanha-o o professor Olman. Dirige-se para o monumento onde El-Rei vae descerrar a corôa. A grande banda toca o himno nacional e o sr. general Ro-

drigues da Costa, presidente da comissão do centenário, lê um discurso alusivo ao acto. A artilharia, colocada na mata, dá a salva do estilo, e está terminada a cerimonia.

comissão do Centenario. Iniciou os brindes o sr. general Rodrigues da Costa; em seguida os srs. ministro da guerra e o dos estrangeiros, brindou depois El-Rei ao exercito portuguez e por

cial distinctissimo do exercito portuguez, que o publicou em 1887, e de que vamos extrair o que de mais interessante sobre a batalha do Bussaco, mais restrito é ao feito que neste momento se comemora.

Num prefacio com que precede este seu trabalho, intitulado: *Considerações Estratégicas e Tacticas sobre a batalha do Bussaco*, escreve Brito Limpo o seguinte:

«A circumstancia de havermos percorrido por muitas vezes o campo da batalha do Bussaco, quando, ha mais de 27 annos, fizemos a triangulação geodesica dos terrenos em que se travou esta luta, que podia ter as mais graves consequências, deu-nos occasião a diferentes investigações e estudos, que forneceram alguns elementos para a contestura da parte principal do presente escrito:

Ao exame do territorio ajuntamos varias informações de pessoas que habitando ali, e tendo na época da batalha vagueado pelos montes convizinhos, ainda se lembravam de diferentes movimentos das tropas, as quaes, em virtude da profissão que abraçamos, tinhamos obrigação de tomar na devida conta.»

Eis o que escreveu sobre a batalha do Bussaco, de que passamos a extrair alguns periodos:

«Quando lord Wellington teve exato conhecimento da marcha do inimigo sobre Viseu, tratou logo de concentrar o seu exercito nas posições de antemão escolhidas na cumiada que deixamos descrita. Chamou as forças acantonadas em Thomar e suas vizinhanças, sob as ordens do major general Leith. Além disto o tenente general Hill que tinha, como dissemos, as tropas do seu comando em Abrantes e Castello Branco, para observar o valle do Tejo, vendo a marcha definitiva de Reynier sobre a Guarda e as comonições cortadas com Celorico, retrocedeu immediatamente para se dirigir a marchas forçadas pelo Espinhal á serra da Murcela. Este general habil, não tendo, segundo dizem, recebido ordens recentes do comandante em chefe, tomou sobre si a responsabilidade da manobra, a qual, posto fizesse parte do plano geral da campanha, poderia ser causa de indicição num espirito menos resolutivo.

No dia 21 chegou lord Wellington ao convento do Bussaco com o seu estado maior e ahi pernoitou até á retirada do exercito anglo-luso, a qual teve logar no dia 29 pela manhã, como veremos.

As tropas aliadas foram logo tomando posição debaixo da inspecção immediata do general em chefe, havendo o tenente general Hill, que tinha chegado á serra da Murcela, feito na vespera da batalha um pequeno movimento sobre a esquerda com quasi toda a sua divisão, passando o Mondego em Penacova, para postar-se nas alturas deste nome, junto á portela de Oliveira, e substituir as tropas do general Leith que ahi estavam e que poderam assim mover-se mais para o N., serrando a linha de batalha.

Junto á portela de Oliveira estabeleceu-se a divisão do tenente general Hill, tendo um corpo destacado para a direita, afim de observar a encosta do lado do Mondego; mais para o N., entre a portela de Oliveira e de Santo Antonio do Cantaro, a divisão do major general Picton, da qual faziam parte os regimentos portuguezes n.º 8, 9 e 21 de infantaria; no grande massiço do Bussaco, e ocupando parte da mata, estacionava a divisão do tenente general Spencer, tendo na frente do flanco esquerdo a brigada portugueza Pak (regimentos de infantaria n.º 1 e 16 e caçadores 4); mais ao N. achava-se a divisão ligeira do brigadeiro general Crawford, da qual faziam parte os batalhões de caçadores portuguezes n.º 1 e 3, tendo como reserva a brigada Colleman (regimentos de infantaria portugueza n.º 7 e 19 e caçadores 2); finalmente a divisão do tenente general Cole, em que entravam duas brigadas portuguezas, tomou posição na extrema esquerda e estendia-se até ao alto do Ninho de Agua.

Em frente da ponte da Murcela, para observar qualquer movimento do inimigo na margem esquerda do Mondego, está a cavalaria portugueza, com o regimento inglés n.º 13 de dragões ligeiros, formando uma divisão ás ordens do brigadeiro general Fane. A quem da mesma ponte e sobre a serra achava-se uma brigada de infantaria, comandada pelo coronel Lecor.

O grosso da cavalaria inglesa (segundo as ex-



O DESCERRAMENTO DA CORÓA NO MONUMENTO. — EL-REI COM O SEU ESTADO MAIOR E «LORD» WELLINGTON OUVINDO O DISCURSO DO SR. GENERAL RODRIGUES DA COSTA

El-Rei monta a cavallo e seguido do estado maior passa em continencia ao monumento e começa a marcha de continencia dos contingentes ao som do himno do centenário que a banda toca. Na frente marcha o pelotão historico, ao qual se segue a marinha, engenheiros, artilharia e cavalaria, ambas a pé (!) e depois infantaria, caçadores e por fim companhia de saude; assistem tambem tres veteranos, que não são daquelles tempos, é certo, mas que provavelmente representavam ali os seus camaradas.

Não podemos deixar de notar que esta parte das festas não comoveu o povo que friamente assistiu, talvez por falta de justa compreensão do que aquelle acto significava.

fim outra vez o sr. ministro dos estrangeiros, a El Rei, á familia real e ao exercito.

Eram seis horas da tarde e apesar da altitude em que estavamos, pouco já alumiaava a ultima claridade do dia.

Descemos pela mata onde o povo continuava a folgar e se preparava para gosar as iluminações minhotas e os fogos de artificio. Formavam-se grupos para as danças, e nós aproveitámos os ultimos raios de dia para visitarmos o modesto e historico conventinho do Bussaco.

Uma decepção nos esperava, enchendo-nos o coração de magua. Junto á portaria do convento havia a hospedaria, numa modestissima casa que serviu de quartel general a lord Wellington e tambem de hospital de sangue, onde foi recebido o general francês Simon gravemente ferido na batalha. Era uma casinha historica por excelencia, digna do respeito das gerações, que em todo o mundo civilisado conservam estas reliquias.

A casa desaparecera e no seu logar e parte do terreno contiguo, edificaram o chalet que serve de paço real quando El-Rei ali vae.

Nem que no Bussaco não houvesse mais terrenos para edificar se deveria cometer tal atentado.

Agora só se poderá vêr em estampa, que por fortuna fizemos ha cerca de quarenta annos para o livro *O Bussaco* do sr. dr. e nosso velho amigo Simões de Castro, a quem pedimos venia para aqui a reproduzir.

E com isto terminamos a nossa cronica do que

naquelle dia se passou no Bussaco, para onde, em verdade, fomos mais satisfeitos do que voltámos...

CAETANO ALBERTO.



A batalha do Bussaco

Muito se tem escrito em Portugal, Inglaterra e França, sobre a batalha do Bussaco. Entre esses escritos um que nos pareceu mais autorizado, pelo consciencioso estudo que apresenta, sem paixão nem exageros, é o de Brito Limpo, ofi-



O CONVENTO DO BUSSACO COM A CASA AO LADO, HOSPEDARIA QUE SERVIU DE QUARTEL GENERAL DE LORD WELLINGTON

Dali seguiu El Rei com todo o seu estado até á capela de Nossa Senhora da Vitoria, a dentro da mata, e que serviu de hospital de sangue da celebre batalha. Numa casa annexa á capela foi inaugurado o museu, constante de livros e documentos da guerra peninsular, fardamentos da época em manequins, armas e outras reliquias da grande campanha. Ali foi assinado o auto da inauguração.

Depois seguiu-se o banquete ao ar livre, presidido por El-Rei e em que tomaram parte cerca de trescentos convidados, em umas doze mesas, além da mesa real, a que se sentaram á direita de Sua Magestade, Sua Alteza o Principe D. Afonso, ministros da guerra e dos estrangeiros e á esquerda lord Wellington, bispos de Coimbra e de Bragança, e indistintamente os membros da

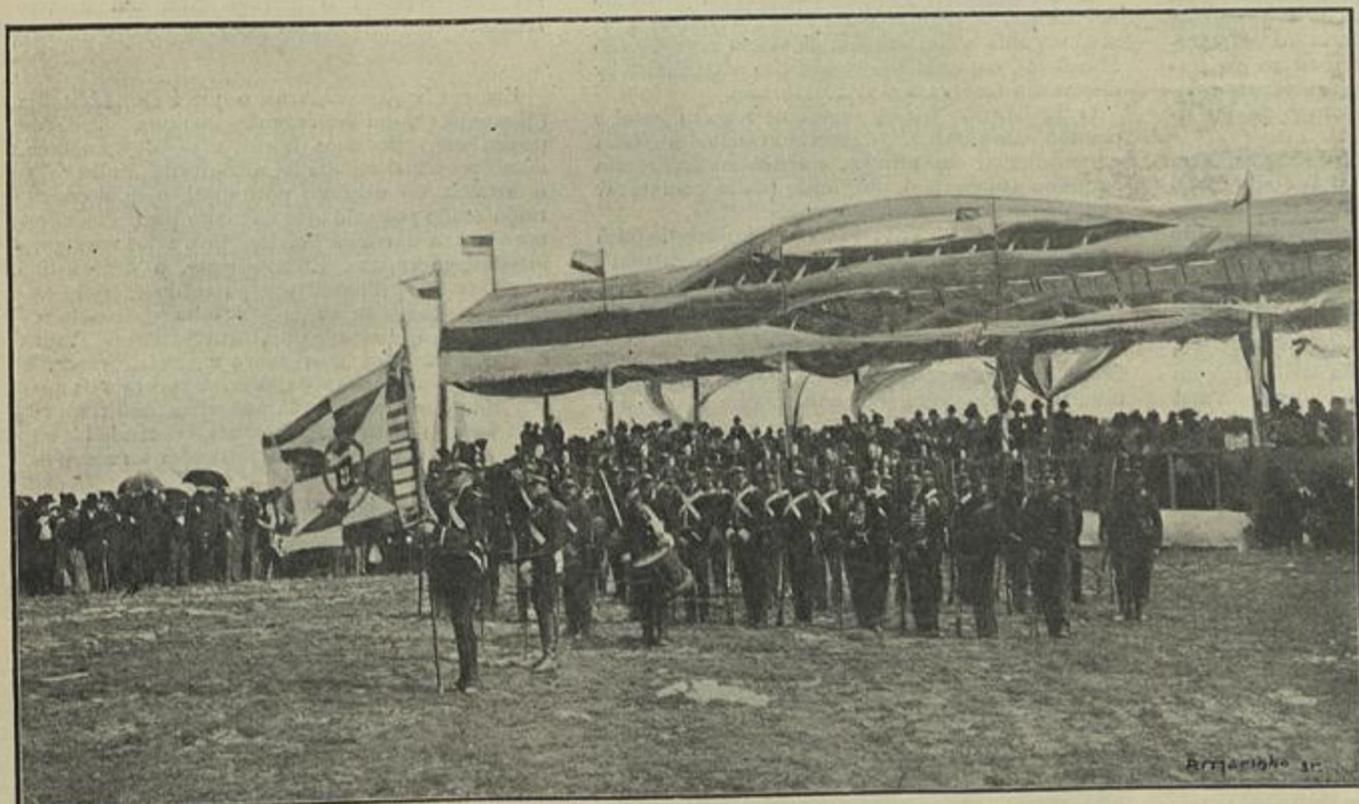
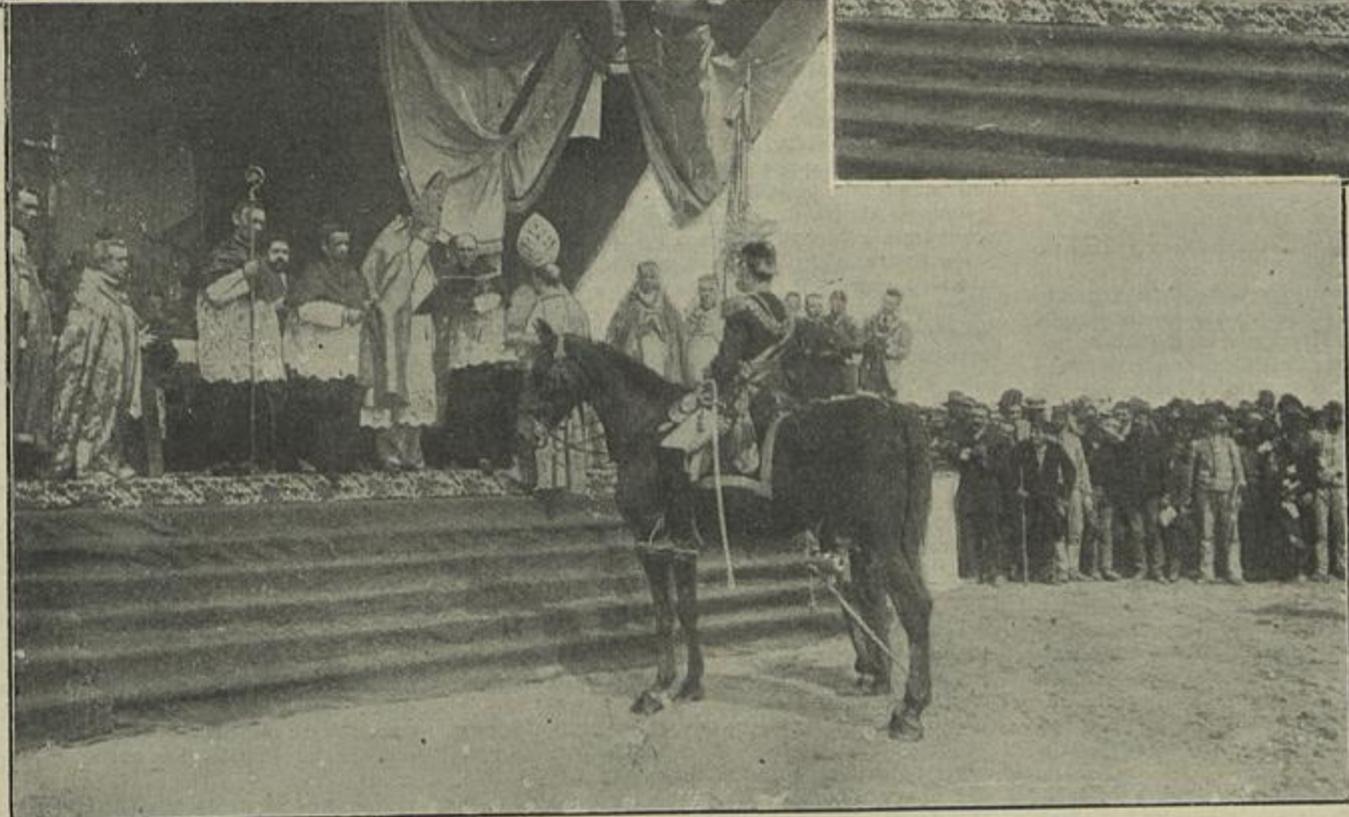
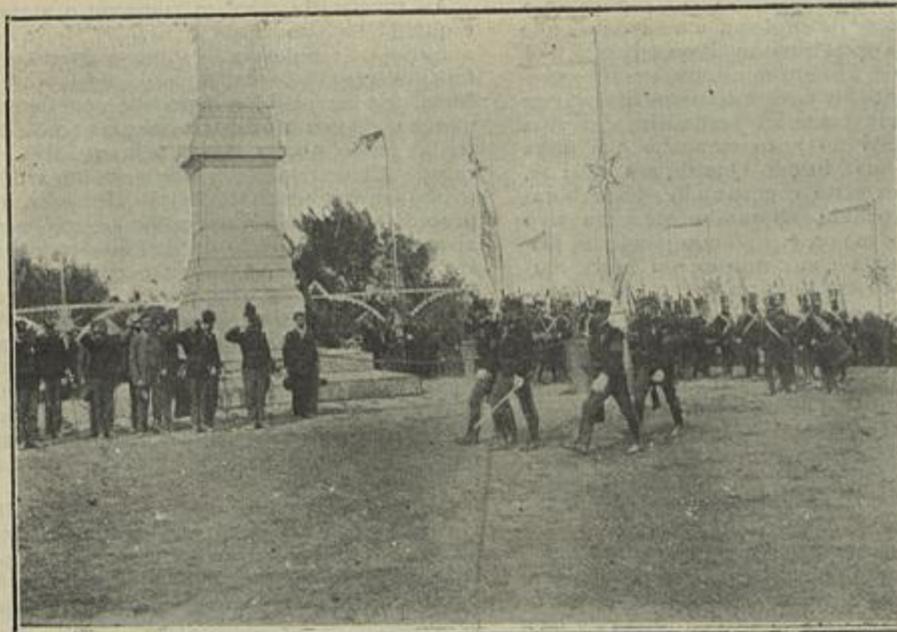
Centenario da Batalha do Bussaco



A BATALHA DO BUSSACO

GRAVURA DE EVÊQUE EXTRAHIDA DA OBRA «CAMPAIGNS OF THE BRITISH ARMY IN PORTUGAL UNDER THE COMMAND OF GENERAL THE MARQUIS OF WELLINGTON K. B. COMMANDER IN CHIEF, ETC., ETC. DEDICATED BY PERMISSION TO HIS LORDSHIP — LONDON, ETC., 1813»

Centenario da Batalha do Bussaco



O Pelotão histórico fazendo a continência ao Monumento da Batalha do Bussaco.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Bispo Conde de Coimbra lançando a bênção no fim da missa campal.

A bênção da bandeira do Centenario por Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Bispo Conde de Coimbra.

O pelotão histórico com a bandeira do Centenario.

pressões de lord Wellington) estava *postado na retaguarda do seu flanco esquerdo, observando a planície e a estrada, que vai de Mortagua para o Porto, através do terreno montanhoso, que une a serra do Bussaco com a do Carmulo.*

Todas estas posições foram bem escolhidas para a defensiva. As da cordilheira do Bussaco tinham somente dois ou tres pontos accessíveis e eram dominantes. Comtudo, segundo a nossa humilde opinião, a linha occupada pelo grosso do exercito anglo-luso tinha o defeito de não permitir uma retirada em regra, no caso de ser forçada em algum dos seus pontos, principalmente no centro.

A serra do Bussaco fórma como que um desfíladeiro invertido, em que as comunicações de um para outro ponto só podem fazer-se pela cumieada, a qual, em grande extensão, tem unicamente uma estreita faixa de terreno transitavel; aos lados estão despenhadeiros. Se, por exemplo, a portela de Santo Antonio do Cantaro fosse tomada pelos francezes, ficaria o exercito aliado cortado ao meio, sem poder reunir-se na retaguarda, senão a grandes distancias e com muito custo.

Abstraindo deste inconveniente grave, a posição defensiva era boa, como dissemos. Hoje outras considerações tinham de ser feitas por causa dos caminhos de ferro, novas estradas e aperfeiçoamentos no material de guerra; porém nada diremos sobre estas circumstancias da actualidade.

Parece que, segundo os melhores calculos, o exercito aliado tinha em numeros redondos 60:000 homens de todas as armas (dos quaes 29:000 eram portuguezes) e 50 peças de artilharia. Já anteriormente fizemos indicações a este respeito.

Vejamos agora como continuou a avançar o exercito francès.

No dia 26 de setembro pela manhã, segundo as maiores probabilidades, passavam os corpos 2.º e 6.º a ribeira de Mortagua, occupando as tropas do 2.º (Reynier) a estrada que conduz a Santo Antonio do Cantaro, e as do 6.º (Ney) a que por Moura se dirige ao alto do Encarnadouro, junto á serra do convento. Estavam assim em poder dos francezes os dois contrafortes principaes da serra e o valle de Lourinha, que os separa. Os generaes de Massena descobriram sobre a crista das alturas e para os lados da portela de Oliveira um continuo mover de tropas do S. para o N.: eram alguns soldados de Leith e os de Hill, que tomavam posição.

O marechal Ney e o general Reynier concluíram destes movimentos que o exercito anglo-luso ainda não havia terminado a sua concentração em ordem de batalha, e clamavam que era necessario atacar de pronto a linha, como unico meio de vencer obstaculos, que mais tarde podiam ser insuperaveis.

E' certo que estes generaes alguma razão tinham, porém não era de supór que lord Wellington estivesse desprevenido; pelo contrario, se mandou reunir a si pela manhã as tropas de Hill, já tinha em posição a maioria do seu exercito. Supór outra cousa seria attribuir ao generalissimo inglés uma total imprevidencia, em opposição com o seu genio e com o tempo de que tinha podido dispór.

Por outro lado as tropas francezas não estavam ainda completamente reunidas; faltava o 8.º corpo (Junot) e grande parte da artilharia, e faltava sobre tudo o general em chefe que tinha ficado para traz a dar impulso ao movimento destas forças. Portanto, Ney, apesar do seu ardor, teve de esperar, mesmo porque não queria a responsabilidade de emprender um ataque geral.

Só depois das duas horas da tarde começou a desfilar por Mortagua o grosso da artilharia com o 8.º corpo, e Massena, quando se adeantou, mal teve tempo de reconhecer o terreno onde ia travar-se a luta.

Chegámos a um dos pontos em que mais criticado foi o general em chefe do exercito francès. O proprio Thiers, grande admirador de Massena, não o absolve. E' efétivamente, havendo recebido no dia 25, isto é, na vespera, as participações dos seus generaes de vanguarda Montbrun e Loison, que indicavam o estabelecimento em batalha do exercito anglo-luso, mal se concebe como se não adeantou pessoalmente para reconhecer o terreno e dar as convenientes ordens na occasião da chegada dos corpos 2.º e 6.º. Deve, comtudo, ponderar-se que Massena queria dar um golpe decisivo, e, supondo, com bom criterio, que lord Wellington só o esperaria em fortes posições, era natural que desejasse reunir todo o exercito para emprender o ataque.

Alguns desculpam Massena dizendo que elle não acreditava na realidade da batalha oferecida pelo exercito aliado e que attribuiu a Montbrun e Loison o engano de supórem um exercito onde só existia uma forte divisão. Para nós esta desculpa nada vale. Montbrun e Loison eram generaes experimentados e os seus avisos deviam ser tidos em grande conta. A verdadeira desculpa de Massena está no justo empenho que tinha em reunir as suas forças. Que diriam delle se, não tendo o exercito concentrado, desse batalha e fósse repellido? Naturalmente seria alvo de critica ainda maior, e, segundo julgamos, justificada. Ora uma concentração, ou antes reunião rapida, não era possivel por causa dos caminhos.

Além d'isto, o que mais convinha a Massena era dar batalha pela manhã e não de tarde. Se vencesse a batalha em altas horas do dia, tinha tempo de perseguir o inimigo por desfíladeiros e ravinas profundas, que, ás vezes, muito embarçam as retiradas; se a vencesse perto da noite, estes mesmos embarços se voltariam contra o perseguidor, e elle não contava ser perseguido, como aconteceu.

Em suma, julgamos que o generalissimo francès, chegando um pouco tarde, aos contrafortes da serra do Bussaco, cometera um erro mais aparente do que real, isto é, mais na fórma do que no fundo.

Depois que Massena fez o seu reconhecimento, o qual deveria ter logar no dia 26, perto da noite, dizem que reuniu conselho de generaes para se discutir o que seria mais conveniente fazer. Nessa occasião parece que o marechal Ney foi contrario ao ataque da posição, por ser inoportuno, propondo o alvitre de uma retirada para Viseu, até chegarem reforços. Massena estranhou e repeliu este alvitre, não o julgando proprio daquelle audacioso marechal. Dizem tambem que Fririon e Eblé propunham que se torneasse a posição dos aliados, sem saberem ainda por onde, e que Reynier, apesar da sua prudencia habitual, foi o unico que abraçou as ideias do general em chefe, chegando mesmo a afirmar que tinha reconhecido especialmente a posição de Santo Antonio do Cantaro, e que a julgava atacavel.

Massena decidiu-se a atacar no dia seguinte pela manhã, e entendemos que esta resolução era a melhor, ainda mesmo no caso de ter já conhecimento da existencia do desfíladeiro de Boialvo.

No dia 27, depois das duas horas da manhã, todo o exercito francès se poz em movimento para occupar as posições indicadas pelo comandante em chefe; a saber:

O 2.º corpo (Reynier) postou-se junto a Santo Antonio do Cantaro em columnas de ataque, avançando para a frente desta povoação a divisão Merle, seguida pela brigada Foy da divisão Heudelet.

O 6.º corpo (Ney) postou-se junto á povoação de Moura, occupando a sua frente a divisão Loison, seguida a conveniente distancia pela divisão Marchand em columna cerrada, o marechal Ney dispoz em reserva a divisão Mermet.

O 8.º corpo (Junot) servia de reserva geral e occupou, em batalha, o valle Lourinha numa linha perpendicular ao *talweg*, e tendo na frente um caminho transversal por onde podia comunicar com os dois contrafortes lateraes.

A cavalaria, em vista do terreno improprio para manobrar, foi collocada em massas nas extremidades destes contrafortes, tendo uma brigada occupado o fundo do valle, na retaguarda do 8.º corpo.

Com esta disposição propunha-se o general Montbrun rebater ou ajudar a rebater qualquer movimento do inimigo, se intentasse descer das alturas. Além d'isto disseram nos que dois destacamentos de cavalaria occupavam a estrada junto a Espinho, e a que, a E. de Mortagua, se dirige para a Foz-Dão. Aachamos isto muito admissivel e até provavel, pela conveniencia que havia de vigiar aquelles caminhos.

A artilharia tinha um papel secundario para o ataque, por causa da configuração desfavoravel das cumiadas; ainda assim, além de algumas bôcas de fogo annexas aos dois corpos atacantes, foi estabelecida, para ir apoiando as tropas de Ney, uma bateria nas alturas da Atalaia, pequeno contraforte do maior massiço do Bussaco, que dá logar á bifurcação do valle da Lourinha. Na extremidade deste contraforte, e um pouco para a frente do 8.º corpo, estava Massena com o seu tado maior. O exercito francès regularia por 55:000 homens.

Ao romper da manhã começou o ataque na esquerda dos francezes. A divisão Merle largou a estrada, e, obliquando sobre a direita, foi subindo a serra com grande custo, ainda que encoberta pelo nevoeiro, e, depois de uma demorada marcha, chegou a occupar as alturas ao N. da estrada; sendo, porém, batida pela metralha e carregada á baioneta não poudé sustentar-se. Neste tempo um regimento da divisão Heudelet, o qual precedia a brigada Foy, subindo pela estrada, appareceu na esquerda da divisão Merle para a sustentar, mas foi igualmente repellido. Por ultimo a brigada Foy, seguindo tambem a estrada, desembocou ao cimo da portela de Santo Antonio do Cantaro, depois de ter agregado a si aquelle regimento e os restos da divisão Merle; mas, travando se encarniçada luta fôram estas tropas obrigadas a retirar deante da divisão Picton auxiliada pelas de Spencer e Leith. Neste ataque immortalisaram-se os regimentos n.º 8, 9 e 21 de infantaria portugueza.

O general Reynier, vendo tão mau resultado, fez avançar um pouco o resto da divisão Heudelet, para recolher as tropas em retirada, e tomou de novo a posição junto á aldeia donde tinha partido, esperando ahi o resultado do ataque do 6.º corpo.

Por este tempo, mas começando mais tarde, efetuava Ney o ataque de Sula para depois occupar o alto do Encarnadouro, junto á mata. Aquella aldeia foi tomada pela brigada Simon, enquanto que a brigada Ferrey (ambas pertencentes a Loison) seguia um pouco á direita para a cumeadá que se estende para os lados do Ninho de Aguia. Em pouco tempo toda a divisão de Loison se achava quasi carregada á baioneta pela divisão Crawford e pela brigada portugueza de Colleman, tendo de retirar-se precipitadamente e deixando ferido e prisioneiro o general Simon. Aqui encheram-se de gloria muitos batalhões e regimentos portuguezes, isto é, todos os que tiveram a honra de entrar na luta e particularmente o n.º 3 de caçadores e um batalhão do 19 de infantaria.

A' vista d'isto, a divisão Marchand, que seguia pela estrada, sentindo-se batida pelos fogos cruzados das posições fronteiras, em vez de seguir avante descaiu para a esquerda, indo bater contra a encosta abrupta do grande massiço da serra, por fórma que, não podendo subir, nem querendo voltar á estrada por causa dos fogos mortiferos, esteve algum tempo estacionaria, até que foi retirando pelas ravinas do contraforte da Atalaia.

O marechal Ney, apesar do seu genio audacioso, fez como Reynier: recolheu as tropas ás anteriores posições, junto a Moura, e esperou ordens, depois de ter perdido mais de 2:000 homens, entre mortos e feridos. As perdas de Reynier fôram maiores, pois andariam por 3:000 homens.

Não quiz Massena renovar o ataque, e só ordenou que alguns batalhões estendidos em atiradores entretivessem o inimigo com um tirocio frouxo.

Eis, em breves palavras, o que foi esta batalha (Massena chama-lhe reconhecimento), que durou pouco mais de duas horas, e donde se colheu, como principal resultado, a confirmação do valor e firmeza do exercito portuguez, o qual constituido então por soldados na maior parte bisonhos, necessitava dar uma decisiva prova das suas qualidades guerreiras. Efetivamente, a defeza das posições foi brilhante por parte do exercito anglo-luso, como se vê pelos resultados, e pela relação official, que adiante transcrevemos. Honra e gloria lhe seja, pois honra e gloria merece. E principalmente honra e gloria mereceram os nossos soldados, que, ainda imberbes, não trepidaram ante as hostes napolionicas, comandadas pelos melhores generaes e habituadas a sucessivas victorias.

Das alturas do Bussaco descobriu o exercito portuguez uma nova aurora e o francès as primeiras nuvens que costumam ás vezes envolver o sol radiante.»

Brito Limpo.



O BUSSACO

Eil-a a grande montanha, o templo augusto
 Vezes três consagrado:
 Á natureza, á Fé, da Patria á gloria;
 Não pelo homem formado;
 Mas pela eterna mão do Omnipotente,
 Durante o sobrepôr de mil edades,
 A luz do sol, ao faiscar do raio,
 Ao abraço das soltas tempestades.

Como ao longe campeias sobranceiro,
 Alçando a antiga frente,
 Senhor de terra e mar, de quanto abrange
 O teu amplo horizonte,
 Envolvido nas nevoas da distancia,
 Quasi da mesma côr do azul aereo,
 Irmão do céu, unido ao céu, como elle,
 Cheio de santidade e de mysterio!

Mas, á medida que se encurta o espaço
 E de nós te aproximás,
 O manto rarefaz se; avultas; formas te;
 Rasgam-se tuas cimas;
 Relevam se; contornam-se teus membros;
 Surges filho da terra, alto gigante,
 A devassar, a interrogar o empyreo,
 A offerecer-lhe os hombros, novo Atlante.

Então um mundo inteiro tu franqueias,
 Como que por magia,
 Um mundo de verdura, de grandeza,
 De luz, de poesia;
 E a alma se contrae, suspensa, tímida,
 Vendo-te apparecer já tão de perto,
 Qual se temesse penetrar o encanto
 Que mora nos teus bosques encoberto.

Vae subindo o caminho, e, a cada volta
 Que elle dá, novas scenas
 Se abrem perante os olhos admirados;
 As sensações terrenas
 Fogem, ao passo que nos fuge o mundo,
 E avizinhar se mais o céu parece,
 Até que a mente arrebatada em extase
 E embebida no céu o mundo esquece.

Como aqui não devia em outras eras,
 No humilde santuario,
 Junto do cimo teu viver tranquillo
 O monge solitario,
 O que houvesse despido lá em baixo
 Das humanas paixões o vil cortejo,
 E, abrasado na Fé, em Deus o espirito,
 Em Deus tivesse apenas o desejo!

Se inJa agora este ar é puro e santo
 E a alma nos eleva,
 Agora que no monte consagrado
 Calou do mundo a treva,
 O que seria então, quando, no seio
 De tanta solidão, tanta grandeza,
 Só se ouvisse o eremita a Deus falando
 E o concerto da agreste natureza!

Porém aberto o ádito.
 Do bosque me convida.
 Já entro. Que silencio!
 Que paz na humana lida!
 Que sombras! que murmúrios!
 Que nunca vista luz!
 Incerta, meiga, pallida,
 Por entre os ramos cõa
 De innumeraveis arvores,
 E a idéia me povõa
 Não sei de que mysterio,
 Que a cogitar induz.

Sob meus pés afõa-se
 E aos passos meus responde
 O solo, cemiterio
 Que os restos guarda e esconde
 De tanto tronco válido,
 De tanta folha e flôr;
 Restos, que a selva em lagrimas
 Orvalha gemedora,
 Durante a noite placida,
 Até brilhar a aurora,
 Qual mãe terna e solícita,
 Para lhes dar frescôr.

Abobadas e abobadas
 Virentes se entretecem
 Por sobre mim; arqueando se,
 Ora aos abysmos descem,

Ora do monte o pincar
 Vingam, buscando os céus.
 Columnas mil grossissimas,
 Da terra virgens filhas,
 Sustem nas, quaes a India,
 Farta de maravilhas,
 Não tem nos subterraneos,
 Enormes templos seus.

As vezes a distancia
 Eguaes, enfileiradas,
 As vezes dessimetricas,
 Sem ordem, espalhadas,
 Erectas, inclinando-se,
 Sobre outras a tombar.
 Aqui do raio igneo
 No chão lascadas jazem;
 Além outras em circulo
 Ao sol entrada fazem;
 E algumas solitarias
 Parecem meditar.

Que de arvores! que varias!
 O altivo, o corpulento
 Cedro, que vae, pyramide,
 Buscar o firmamento,
 O abeto, o aderno, a tilia,
 O roble colossal,
 O choupo esguio e humido,
 O sempre verde loiro,
 Os espalmados plátanos
 (Dos bosque o thesoiro),
 E a pela flor lindissima
 Catalpa sem rival.

E o cinnamomo, e o álamo,
 E a florescente olaia,
 E da nogueira umbrifera
 A copa, e a leve faia,
 E o companheiro, o symbolo
 Da morte, e outras mil,
 Cantando em suas citharas,
 Já tristes, já suaves,
 Com o correr das aguas,
 Com o trinar das aves,
 Da natureza prõvida
 O canto senhoril.

Em tamanhas bellezas enlevado
 O pensamento e a vista,
 Pelo extenso caminho fui andando
 Até do monte á crista.

Por baixo sempre da cerrada abobada,
 Á luz mysteriosa,
 Que de fundo, poetico respeito
 Povõa a selva annosa.

Mas, á medida que meus passos galgam
 A arrogante montanha,
 Mais viva claridade o espaço inteiro
 De mim em torno banha.

Emfim ao alto chego; e a luz em jorros
 Innunda o céu e a terra;
 E a vista livre n'um relance abarca
 O mar, o plano, a serra.

Que spectaculo! Oh! não, nunca meus olhos
 N'outro igual se fitaram;
 Nunca em tamanho âmbito á vontade
 D'est'arte se espraíram.

Como é bello aqui estar ao pé do emblema
 Da redempção humana,
 Da rude cruz, a contemplar as obras
 Da mente soberana!

Como tudo isto é grande! Ao longe e ao largo,
 Desde o cume do monte,
 Pasmado, preso, o olhar incerto corre
 De um a outro horizonte!

Ora se afunda na planicie ou valle
 Que em doce paz se estende,
 E que rio ou ribeira fecundante,
 Líquida prata, fende;

Ora sobe ao oiteiro atapetado
 De esmeraldina relva;
 Ora deslisa pelo dorso escuro
 De emmaranhada selva.

Uma vez segue a costa que o mar beija
 E o mar sempre inquieto;
 Outras repõsa sobre o tenue fumo
 Que sãe de pobre tecto.

Quantas povoações pela verdura,
 Aqui, ali alvejam,
 N'este scenario amplissimo perdidas!
 Que de aves avoejam

Pelo espaço infinito! E o soberano
 Da criação, o homem,
 Que tantas ambições, tamanhas lidas,
 Aguilhoam, consomem,

Nem sequer se descobre como um ponto
 D'esta sublime altura,
 Elle, que ser blazona d'entre todas
 A maxima feitura!

Aqui, longe da van sociedade,
 Absorto n'estas scenas,
 Quem me dera morar por algum tempo,
 E das prisões terrenas

Sentir quebrar se aos pés a vil cadeia;
 E descansar minh'alma,
 Das mundanas procellas fatigada,
 N'esta grandeza e calma!

Quem tedio sinta de viver entre homens
 Venha viver tranquillo
 Perto da natureza e longe d'elles,
 Em tão sereno azylo.

Se tem fé, junto á cruz, n'este augustissimo
 Templo, de Deus só obra,
 Reforçará o espirito que á onda
 Do mundo não sossobra.

Se a não tem, sentil-o-ha, como aguia nova
 Que o enthusiasmo empluma,
 Erguer-se, arremessar-se no infinito
 Buscando a causa summa;

Meditará no que é: um grão, um nada,
 No que é quanto descobre:
 Algumas letras do universo apenas;
 E ao céu azul que o cobre

Alçará, sem querer, o olhar em busca
 De um ser omnipotente,
 Principio, origem, fim de quanto existe,
 De quanto vê e sente.

Como deve ser outro este quadro,
 Quando, á solta os fataes elementos,
 Responder ao bramido dos ventos
 O rebombo do rouco trovão;
 Quando a súbita luz dos relampagos,
 Em logar d'este sol esplendente,
 Alumiar todo o espaço virente
 Co'o veloz, desmaiado clarão!

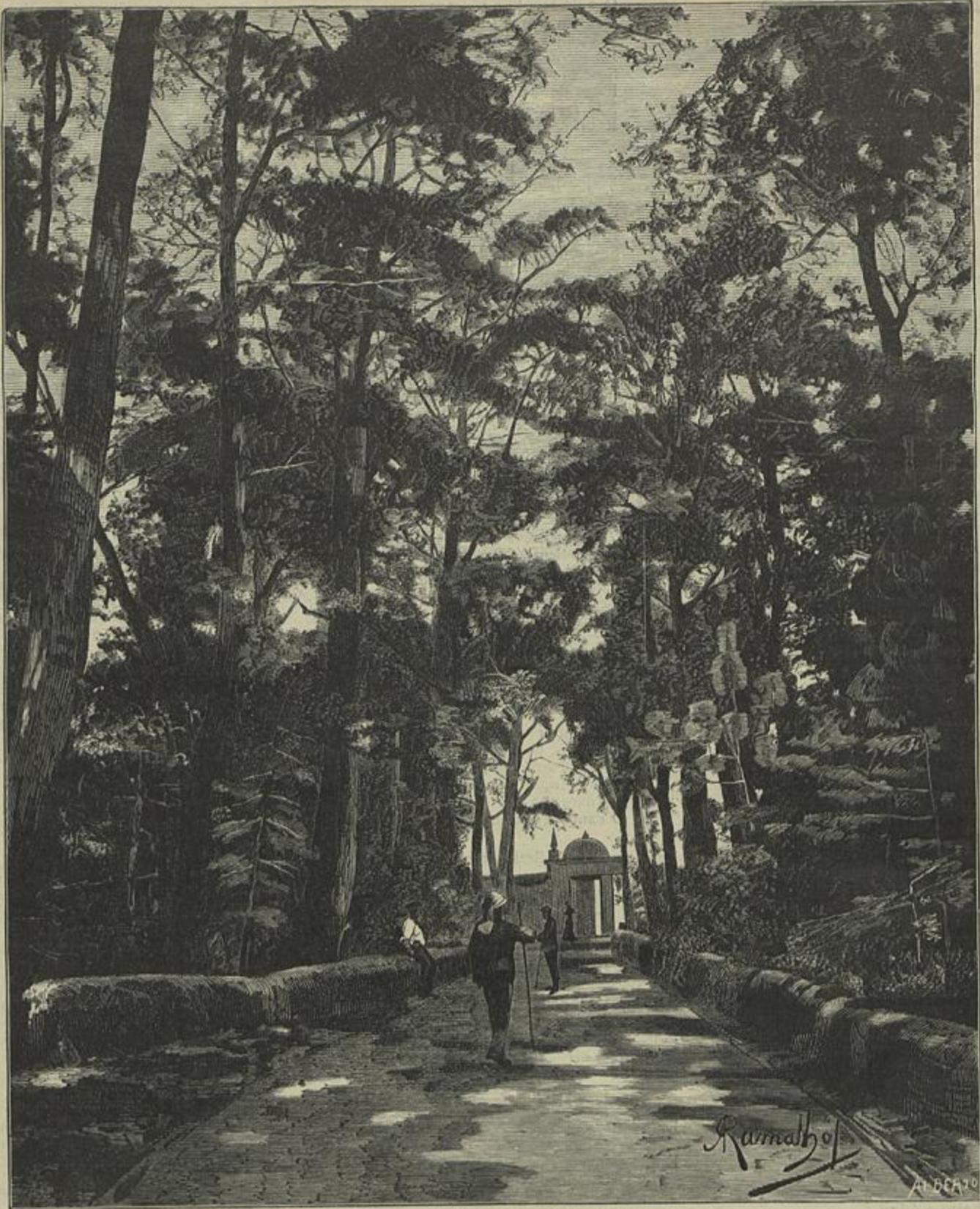
Negro o céu, ora limpido e bello,
 Retratando a candura celeste;
 Plumbea a terra; o ar turvo e agreste;
 Em diluvios a chuva a cahir;
 E por cima de nós galopando
 Ver as nuvens, um cabos medonho;
 E por baixo de nós, como um sonho,
 Ver as nuvens, e o raio luzir.

Então forte, soberba, terrivel,
 Embuçada no véu da tormenta,
 A montanha confuso apresenta
 Seu aspecto medonho e feroz.
 Inconcussa na base dos tempos,
 Brama, ruger, com ella peleja;
 Ri-se, quando o horizonte lampeja;
 E ao fragor dos trovões junta a voz.

Muito embora tufões estrondosos
 A alta grenha sem tregua lhe açoitem,
 Bastas sombras a face lhe ennoitem
 De caligem cerrada, infernal,
 Sem que ao menos do empyreo lhe venha
 Algum debil fulgor d'esperança
 De á procella seguir-se a bonança,
 E á treva do sol o fanal;

Muito embora tombando por terra
 Veja os filhos, mil troncos gigantes,
 E as torrentes da altura espumantes
 Em tropel pela encosta a correr
 Lhe profundem rasgadas feridas,
 E os penedos dos pincaros caiam,
 Nunca, nunca seus brios desmaiam;
 Tudo soffre sem nunca tremer.

E inda mais quão diverso este quadro
 Do que é hoje não foi n'esse dia
 De vergonha e derrota á ousadia
 Do potente inimigo francez,



O BUSSACO

Quando o Filho á Victoria tão caro
Viu marchados os loiros primeiros,
Pelo fogo dos nossos guerreiros,
Pelo fogo do exercito inglez!

Ó Bussaco, o teu nome famoso
Desde então mais famoso ha ficado ;
Eras já pela Fé consagrado ;
Consagrou-te a natura tambem ;
Mas depois d'esse dia terrivel,
Para nós de tão grata memoria,
Brilharás, qual já brilhas, da historia
Nos annaes, pelos tempos além.

Foi bem proximo á tua floresta
Que entre as hostes rompeu o combate ;
Julgo ouvir-lhes a marcha, o embate,
E dos bronzeos canhões o troar ;
Julgo ver reluzindo as bayonetas,
Em columnas de fumo e poeira
Densas nuvens, e a nossa bandeira
Vencedora no campo ondear.

Desde então todos nós portuguezes,
Ao chegar a teu solo, provamos

Nobre orgulho, e com medo o pizamos,
Pois tem sangue de nossos irmãos,
Sangue fertil, que a alma alimenta,
Para todos gastarmos a vida
Em defeza da Patria querida,
Emquanto haja uma espada e haja mãos.

Porém o sol esplendido
Já toca no horizonte ;
Porém seu brilho tímido
Ao cume do alto monte
Co'a despedida ultima
Já manda a extrema luz ;
E, ao passo que a planicie
Em baixo e as mais alturas
Das ondas do crepusculo
Se vão cobrindo escuras,
Um raio a clara pálido
D'esta eminencia a cruz.

Adeus, celeste lampada !
Em breve com seu manto
A noite triste e lugubre
Todo este monte santo,

E a terra, e o campo ethereo
De dó recobrirá ;
E em sepulcral silencio
Elle será quieto,
Sob as estrellas tremulas,
Sob o seu verde tecto,
Emquanto a outro hemispherio
Tua face brilhará.

Mas, ámanhan purpurea
Apenas rompa a aurora,
Ha de soar de canticos
Á luz que o espaço cora,
Ha de ser todo jubilo,
E todo festa e amor,
Para esperar-te, ó fulgido,
Eterno soberano,
Obra das obras maxima,
Da natureza arcano,
Para seu hymno mystico
Erguer ao Creador.